

A conquista das Américas



Cristóvão Colombo chega ao Haiti, de Théodore de Bry (1528). Gravura em cobre retratando trocas entre os nativos das Américas e os europeus.

+ Conteúdos

Objetos do conhecimento

- A conquista da América e as formas de organização política dos indígenas e europeus: conflitos, dominação e conciliação.
- A estruturação administrativa e econômica na América espanhola.

Habilidades

- Descrever as formas de organização das sociedades americanas no tempo da conquista com vistas à compreensão dos mecanismos de alianças, confrontos e resistências.
- Analisar o contato entre espanhóis e as sociedades pré-colombianas.
- Compreender as estratégias utilizadas pelos espanhóis para garantir a colonização.
- Refletir sobre o papel da Igreja católica e da catequese no processo da colonização.



Para começar

Leia o trecho da reportagem a seguir.

Dívida espanhola com indígenas americanos está longe de ser paga, diz ONG

[...] a cooperação espanhola com as comunidades originárias da América ainda é muito fraca, apesar de alguns esforços pontuais e da ação da sociedade civil, advertiu a economista Laura Barba, diretora da organização não governamental Watu, na véspera do Dia Internacional dos Povos Indígenas.

“Há pouca sensibilidade para considerar os indígenas como sujeitos com direitos e não como personagens exóticos” [...] disse a responsável da Watu (“seres humanos”, em língua swahili), com sede em Madri. [...]

DRAGO, Tito. Dívida espanhola com indígenas americanos está longe de ser paga, diz ONG. *Opera Mundi*, 9 ago. 2013. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/divida-espanhola-com-indigenas-americanos-esta-longo-de-ser-paga/>. Acesso em: 29 set. 2024.

O olhar ocidental sobre as sociedades indígenas ainda carrega uma visão de mundo europeia, característica do início da Idade

Moderna. Dizemos isso porque o desrespeito às culturas pré-colombianas e as tentativas de imposição cultural não são fenômenos apenas dos dias atuais. Os primeiros contatos e seus resultados mostraram, desde o início, ser devastadores.

Neste módulo, vamos conhecer como foi a chegada dos europeus às Américas e como essa história de destruição começou.



O massacre dos índios em Cholula sob as ordens de Cortez, 1519. Autoria desconhecida, século XVI. A obra retrata a violência empregada pelos espanhóis contra os nativos da América.

Para lembrar

O continente americano esteve geograficamente isolado por tempo suficiente para que nele se desenvolvessem culturas diversas, com histórias próprias. Incas, astecas e maias eram apenas alguns dos representantes dessas civilizações. Na prática, tornaram-se mais reconhecidos porque eram grupos culturais hegemônicos no momento em que os espanhóis chegaram às Américas pela primeira vez – com exceção dos maias, que eram uma civilização em decadência demográfica quando os europeus chegaram.

Em especial incas e astecas eram povos que controlavam outros por meio da força, cobravam tributos e tinham suas próprias interpretações do mundo. Entre eles, a religião era um fator tão importante que fazia parte da lógica de organização política e social. Sob o olhar dos dias atuais, essas sociedades são classificadas como **teocráticas**, ou seja, para as civilizações Inca e Asteca, política e religião eram um só fenômeno. Seus governantes eram considerados deuses ou semideuses.



No meio do caminho tinha um Novo Mundo...

O objetivo inicial dos espanhóis em 1492 não era chegar às Américas, cuja existência sequer desconfiavam e que nem mesmo tinha esse nome ainda. Uma prova disso foi a expressão utilizada por Cristóvão Colombo (1451-1506), navegador genovês a serviço da Espanha, ao se referir aos habitantes daquelas terras: **índios**. Colombo acreditava ter chegado, de fato, ao seu objetivo, isto é, alguma região ainda inexplorada das Índias.

A proposta de Colombo – recusada por Gênova, Veneza e Portugal, antes que os monarcas espanhóis a aceitassem – era comprovar a ideia de que seria possível circum-navegar o planeta e, dessa maneira, alcançar o Leste navegando em direção ao Oeste.

No meio de sua viagem ao Oriente, Colombo desembarcou em um novo território, mas não percebeu imediatamente seu erro, como vimos no Módulo 10.

Pelos seus cálculos, o planeta Terra seria menor do que as distâncias encontradas. Colombo, porém, faleceu acreditando ter atingido o Oriente. Apenas em 1503 o território desconhecido pelos europeus foi identificado por Américo Vespúcio. Suas descobertas apontavam que as terras encontradas faziam parte de um novo continente, de um “Novo Mundo” separado da Ásia, o qual, posteriormente, seria batizado de América em sua homenagem.

Os povos desse “Novo Mundo” não aceitaram passivamente se submeter aos europeus. Assim, começou a história da conquista das Américas pela Espanha, marcada pela violência e pelo extermínio de povos nativos.



Cristóvão Colombo retratado por Philoponus Honorius em 1621, posteriormente publicado no livro *Conquista da América: a questão do outro*, de Tzvetan Todorov. Segundo o autor, tal imagem ilustra uma frase declarada pelo próprio navegador italiano: “o mundo é pequeno”.

... tinha um Novo Mundo no meio do caminho

Os primeiros encontros entre europeus e nativos aconteceram na região do golfo do México, mais especificamente na ilha de Hispaniola – atual ilha de São Domingo, onde hoje se localizam o Haiti e a República Dominicana. Foi nessa região que Colombo estabeleceu o primeiro polo de colonização do que viria a se tornar as Américas.

Aqueles povos insulares logo tiveram contato com as ambições econômicas e a religião dos europeus. As relações estabelecidas foram marcadas por muitas formas de violência. Mesmo que em algumas ocasiões a relação tenha sido amistosa, a paz durava até o momento em que os interesses europeus não fossem minimamente prejudicados.

Ilha de Hispaniola (limites atuais)



Fonte: IBGE. Atlas geográfico escolar. Rio de Janeiro, 2007. p. 39

Os povos pré-colombianos



Fonte: BARRACLOUGH, Geoffrey (ed.). *The Times: Atlas of the World History*. London: Times Books, 1990.

Ibérico: relativo à península Ibérica e aos países localizados naquela região da Europa (Portugal e Espanha).

Iminência: aquilo que está prestes a acontecer.

Muitas vezes, para atingir seus objetivos de dominação, os espanhóis utilizavam a violência como recurso. Não por acaso, ao longo da história colonial, aquelas ilhas foram abastecidas com mão de obra escravizada africana, pois os nativos foram dizimados. O primeiro século de contato foi marcado por encontros que tiveram efeitos destrutivos sobre a cultura dos povos nativos.

Na época em que os espanhóis chegaram ao continente, muita história já se havia passado, muitas sociedades já tinham surgido e desaparecido naquele território. Ao final do século XV, incas e astecas eram civilizações consideradas dominantes em boa parte das áreas ocupadas pelos espanhóis.

Os incas se concentravam principalmente na área do atual Peru, mas, em seu auge – entre os séculos XIV e XV –, chegaram a ocupar a área dos atuais territórios da Bolívia, do Equador, do Chile e de parte da Argentina e da Colômbia. Os povos a eles submetidos eram obrigados a pagar tributos e aceitar sua dominação. Os espanhóis, ao chegarem, ocuparam um lugar de controle que até então pertencia aos incas. Aquela era uma região rica em prata e, portanto, chamava a atenção dos **ibéricos**.

Ao norte da região inca, principalmente na região ocupada hoje pelo México, outra civilização também estava na **iminência** de ser massacrada: eram os astecas. Tratava-se de um povo igualmente dominador, que havia submetido outros grupos às suas vontades, obrigações e tributos. Como também conheciam a metalurgia e dominavam as técnicas de extração de prata do subsolo, tornaram-se alvo dos interesses europeus mercantilistas.

Os maias eram uma sociedade em decadência política e econômica na ocasião da chegada de Colombo. À época, pouco dessa civilização se mantinha intacto. Apesar da sobrevivência de algumas de suas cidades, não havia mais solidez em suas estruturas organizacionais, mas certamente os europeus contribuíram para destruição daquilo que ainda resistia.

O aspecto teocrático das organizações sociais era algo em comum entre incas, astecas e maias. Isto é, não havia distinção entre política e religião. Outros aspectos comuns eram o domínio da metalurgia e o uso da prata, que já era extraída por eles de forma sistemática. Os adornos de suas construções e roupas também chamaram a atenção dos espanhóis.



À esquerda, colar de ouro asteca. À direita, par de brincos de ouro inca. Para os espanhóis, os adornos de ouro e prata contribuíram para a busca por riquezas minerais na região.

A escrita das sociedades americanas apresentava características diferentes daquela dos europeus. Os povos nativos americanos se organizavam em sociedades que preservam seus conhecimentos por meio de históricas contadas e recontadas pelos mais velhos. Portanto, eram culturas orais, e isso fazia dos anciãos os principais guardiões do conhecimento, da história e da identidade desses povos.

A Conquista espanhola

A dominação dos povos americanos iniciou-se com Colombo. Mais que um navegante, o navegador foi o primeiro conquistador moderno das Américas. Sua empreitada além-mar não era apenas um ato de bravura ou fé, pois, antes de ele embarcar rumo ao horizonte desconhecido, os monarcas espanhóis assinaram um documento chamado **Capitulações de Santa Fé**. Nele, Colombo ganhava a condição de vice-rei e governador-geral de todos os territórios conquistados, o que significava que teria o direito a um percentual de todo o comércio realizado nesses territórios. Caso fosse bem-sucedido, os lucros seriam bastante satisfatórios.

Depois de Colombo, outros navegadores conseguiriam acordos semelhantes em troca dos riscos que corriam. Eram chamados de **adelantados**. Portanto, o risco que enfrentavam em tais expedições não era uma questão de fidelidade à Coroa, mas envolvia também ganhos pessoais. Disso, deriva o motivo para a urgência e a eficiência daqueles que assumiam tal tarefa, grande parte das vezes resultados devastadores para as sociedades atingidas.

Dentre os exploradores espanhóis, dois nomes se destacam: Hernán Cortez e Francisco Pizarro. Eles foram os principais responsáveis pela conquista das regiões dominadas por astecas e incas, respectivamente. Apesar da distância, suas expedições tiveram características comuns, entre elas as estratégias, técnicas e armamentos desenvolvidos pelos espanhóis no processo de expulsão dos **mouros** da península Ibérica, no século XV.

Mouros: termo usado pelos ibéricos para designar os muçulmanos que viviam na região dos atuais territórios da Espanha e de Portugal

Espírito belicoso: disposto ou inclinado à guerra



Retrato de Hernán Cortez (1485-1547). Autoria desconhecida.



Retrato de Francisco Pizarro (1478-1541). Autoria desconhecida.

A experiência de séculos de luta contra povos considerados estrangeiros e infiéis teve desdobramentos em processos coloniais que se pareceram com verdadeiras conquistas militares, em virtude das armas, das estratégias e do **espírito belicoso**. Além disso, a luta da Reconquista proporcionou outras vantagens aos espanhóis, como o aperfeiçoamento de técnicas, estratégias e armas que lhes proporcionaram uma **superioridade bélica**.

Os europeus invasores carregavam armas e dominavam técnicas as quais os incas e os astecas jamais tiveram contato: utilizavam pólvora em armas de fogo, como o arcabuz e o canhão. O emprego de armaduras e mesmo de animais de batalha, como o cavalo, teve efeito impactante sobre os povos nativos.

A percepção europeia sobre os **conflitos internos** foi de grande importância. A participação espanhola na disputa pelo poder entre os irmãos Atahualpa e Huáscar, herdeiros do Império Inca, estimulou os conflitos já existentes nessas sociedades dominadas. Tanto incas quanto astecas eram civilizações que se impunham sobre outros grupos culturais. Cobravam tributos, exigiam submissão e faziam uso de seus habitantes em regimes de trabalho compulsório. Os espanhóis, por sua vez, souberam usar isso a seu favor.

Ampliando horizontes

A Reconquista e a Conquista

Depois de séculos de domínio mouro sobre a península Ibérica, finalmente, em 1492, o último território islâmico foi derrotado na Europa, na região de Granada. A esse contínuo esforço, no sentido de superar militarmente aqueles povos considerados invasores pelos cristãos europeus desde sua chegada no século VIII, chama-se de Reconquista.

Para alcançar esse objetivo, ao longo de séculos de lutas, os povos ibéricos se tornaram cada vez mais eficientes nas táticas de guerra. Para isso, promoveram intensas transformações das estruturas militar, econômica, social e cultural. Essa eficiência se desdobrou em uma Espanha organizada em um poderoso Estado nacional.

Uma vez alcançado seu objetivo em território europeu, ainda havia disposição para mais. O “Novo Mundo recém-descoberto” parecia ser uma continuação para as práticas de ampliação de fronteiras. As estruturas criadas para viabilizar e legitimar a expansão se mostraram inspiradoras para o que seria realizado nas terras do outro lado do oceano Atlântico.



A captura de Atahualpa, o último rei inca, pelos espanhóis sob o comando de Francisco Pizarro em 1532, gravura de Theodor de Bry, século XVI.

Durante a conquista da América, foram inúmeros os conflitos em que os espanhóis eram minoria. No entanto, por saberem se aproveitar das divergências internas entre os povos americanos, os espanhóis foram capazes de forjar alianças importantes que garantiram importantes vitórias. Assim, os conflitos contribuíram para que a capacidade de resposta militar nativa fosse comprometida, uma vez que as disputas internas dificultavam a resistência aos invasores estrangeiros.

Outro elemento importante no que diz respeito à dominação europeia passa pelas **religiões fatalistas** que os nativos compartilhavam. Em sua maioria, eles cultivavam uma visão de mundo baseada no tempo cíclico, na qual o fim era inevitável. Os astecas, por exemplo, chegaram a acreditar que os espanhóis carregavam características divinas por serem representantes do deus da destruição, e, portanto, não havia razão para resistir ao que era entendido como o inevitável fim de mais um ciclo de existência. Isso não os impediu de lutar, mas o fatalismo de suas religiões dificultou a capacidade de mobilização e resposta à ameaça dos invasores.

O papel da Igreja na conquista

A **Igreja católica** também teve grande participação no processo de conquista e dominação das Américas. Aliada fundamental dos monarcas espanhóis durante as guerras de Reconquista da península Ibérica, a Igreja trouxe sua influência para o “Novo Mundo”. A catequese foi uma importante ferramenta para isso, pois serviu para reduzir a resistência daquelas sociedades teocráticas.

A conversão das populações nativas à fé católica também contribuía para enfraquecer o poder centralizado daquelas sociedades, pois esses povos compartilhavam a crença de que seus líderes eram seres divinos. Assim, a conversão ao catolicismo fazia com que a autoridade política se enfraquecesse, visto que a religião que a sustentava havia sido abalada. Quanto mais a catequese atingia os nativos, mais difícil se tornava a reação direta de seus líderes. Diante dessa situação, a resistência ao colonizador se baseou em táticas de sobrevivência dentro de uma realidade cultural marcada por imposições europeias.

O impacto das doenças

Outro fator que contribuiu para a conquista foi a **disseminação de doenças** europeias e africanas até então desconhecidas no continente americano. Os povos americanos não tinham resistência imunológica para muitas doenças e foram devastados por elas. Em três séculos, a população nativa diminuiu para menos de 10% do que Colombo havia encontrado.

A varíola foi a mais mortal das enfermidades, mas o sarampo, o tifo e mesmo a gripe, que poderiam ter efeitos moderados em organismos europeus, ajudaram a acelerar o decréscimo populacional entre os nativos ainda no primeiro século depois da chegada dos espanhóis.

Além desses fatores, as guerras comprometeram a capacidade produtiva e causaram efeitos imediatos com as constantes derrotas das forças nativas. O modelo de trabalho imposto sobre as regiões conquistadas aumentava o quadro de fome, uma vez que as atividades de subsistência deram lugar à produção mercantilista destinada ao mercado europeu.



Na litografia do *Códex florentino* (c. 1540) há ilustrações de astecas contaminados com varíola. Organizado pelo frei espanhol, Bernardino de Sahagún, o *Códex florentino* é constituído de pesquisas etnográficas realizadas no século XVI.

A administração colonial

A organização administrativa implantada pelos espanhóis tinha em sua base a atuação dos *chapetones* e dos *criollos*.

Os **chapetones** eram espanhóis que vinham da metrópole para assumir postos político-administrativos. Ficavam em terras americanas por, no máximo, oito anos, quando finalmente retornavam enriquecidos para a metrópole. Eles se encontravam no topo da pirâmide social colonial.

Os **criollos**, por sua vez, eram descendentes de espanhóis que nasceram e foram criados nas colônias. Em geral, eles tinham grandes fortunas, por estarem ligados a empreendimentos rurais de exportação ou à mineração. Por terem vínculos com a colônia, não podiam assumir cargos administrativos de comando, mesmo que, com o passar do tempo, isso viesse a se tornar motivo para desavenças, trazendo dificuldades para a manutenção da autoridade da Coroa em suas colônias.

Portanto, *criollos* e *chapetones* faziam parte de uma mesma classe dominante que contribuía para a exploração e o controle das terras espanholas no “Novo Mundo”, ajudando a colônia a trabalhar em favor da Coroa. Foram eles que, paralelamente à conquista, implementaram uma estrutura colonial que permitiu a consolidação do império espanhol na América.

Os vice-reinados

A estratégia inicial adotada pela Espanha, que dava aos conquistadores plenos direitos de exploração sobre as áreas descobertas, não parecia mais tão interessante. Portanto, sua colonização não era mais um empreendimento incerto. Dessa forma, a partir de 1535, um novo sistema administrativo, mais organizado e controlado, começou a ser implementado no “Novo Mundo”.

A administração seria estabelecida por meio da divisão da América espanhola em **vice-reinos** (Nova Granada, Nova Espanha, Peru e Rio da Prata), áreas economicamente importantes, e **capitanias gerais** (Cuba, Venezuela, Chile e Guatemala), territórios com importância estratégica, mas ainda não colonizados satisfatoriamente, portanto, não muito lucrativos.

As divisões administrativas funcionavam com estruturas semelhantes. Dotadas de um conjunto administrativo que contava com audiências realizadas pelos tribunais locais que faziam valer a justiça da metrópole na colônia, as decisões burocráticas, legislativas e executivas ficavam a cargo dos **cabildos**. Estes eram responsáveis pela administração das cidades, atuando em questões cotidianas para seu funcionamento. Suas funções não eram apenas as de uma prefeitura, porque também assumiam funções legislativas, criando regras e fiscalizando a aplicação delas.

E era dentro desses órgãos municipais que os *criollos* atuavam, nas únicas funções administrativas nas quais lhes era permitidos participar; afinal, eram eles a classe dominante local e principal interessada nas questões de âmbito municipal. Apesar de sua presença nos cabildos, também chamados de *ayuntamientos*, aos *criollos* não era dado o direito, geralmente, de almejar cargos mais altos, como os de vice-rei ou juiz. Os vínculos que mantinham com a colônia geravam desconfianças. Apenas os *chapetones* podiam assumir essas funções.

Mas a administração espanhola não se restringia ao que acontecia na colônia. Os espanhóis possuíam ainda a **Casa de Contratação**, localizada na metrópole. Ela era responsável pelos contratos e pelos monopólios estabelecidos, administrando quem podia comercializar com as colônias e regulando as relações com esses territórios, o que ficou conhecido como **exclusivo metropolitano**.

Dentro dessa relação de exclusividade, o comércio com as colônias servia fundamentalmente às ambições da Coroa, e a permissão para realizá-lo deveria necessariamente passar por seus representantes. Práticas como o estabelecimento de monopólio e a fiscalização do comércio visavam a assegurar lucros, evitar desvios e potencializar a arrecadação nas colônias.

Também na metrópole estava localizado o **Conselho das Índias**, órgão responsável por estabelecer as regras destinadas às suas colônias, ou seja, aquelas que deveriam ser asseguradas pela atuação dos vice-reis, capitães-gerais, juizes e membros dos cabildos nas colônias.

Fontes: SERRYN, Pierre, BLASSELLE, René. *Atlas Bordas géographique et historique*. Paris: Larousse/Bordas, 1998; VICENTINO, Cláudio. *Atlas histórico geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2011. p. 123.

América espanhola (até 1808)



A economia

A principal atividade econômica que despertou o interesse mercantilista dos espanhóis foi a **mineração**. Essa atividade já era praticada pelos povos que viviam na América e boa parte da prata que foi levada para a Europa, nos primeiros anos da colonização, foi fruto de saques às cidades incas e astecas.

A exportação de gêneros agrícolas também fez parte do projeto colonial. O cultivo de **produtos exóticos**, voltado para a exportação ao mercado europeu, como tabaco, algodão e açúcar, fazia parte da lógica mercantilista que levou os colonos a investir nessa empreitada.

A pecuária, voltada para o mercado interno, também esteve presente. Regiões como os pampas argentinos até hoje carregam a história dessa atividade em suas tradições. Todavia, além do gado bovino, havia criação de mulas, que foi o principal meio de transporte de mercadorias e minérios da época. Como o boi não tinha a agilidade necessária nem o cavalo tinha a resistência de que era preciso, o aluguel e a venda de mulas deu origem a consideráveis fortunas.

Relações de trabalho

Uma vez estabelecida a dominação sobre a América espanhola, a exploração das riquezas naturais se deu por formas de **trabalho compulsório**. A mão de obra escravizada foi adotada principalmente nas regiões em que ocorreram os primeiros contatos dos espanhóis com as populações nativas.

Em razão da violência desmedida contra os nativos, nos primeiros 150 anos de colonização, a exploração de muitas ilhas na área do golfo do México e arredores teve de contar com o trabalho de africanos escravizados. Mas, na maior parte da América espanhola, a mão de obra fundamental veio das sociedades nativas dominadas. Contudo, por causa da forte presença da Igreja católica, contrária à escravização dos nativos, foram criadas duas modalidades de trabalho compulsório, distintas da escravização direta.

Uma delas foi a *encomienda*. Nela, as populações nativas eram obrigadas a trabalhar em benefício dos espanhóis, que, em troca, garantiam sua catequese. Com autorização da Igreja e da Coroa espanhola, essa foi uma modalidade de trabalho bastante utilizada; no entanto, a resistência a ela também foi grande.

A outra modalidade de trabalho foi aprendida com os próprios incas, conhecida como *mita*. Nela os incas obrigavam as sociedades dominadas a sortear um número preestabelecido de trabalhadores que seriam remunerados, com valores muito baixos, e trabalhariam na mineração, ou em atividades ligadas à sua manutenção, por tempo determinado. Depois disso, poderiam retornar a suas famílias.

Como se tratava de uma prática de trabalho já estabelecida, os espanhóis logo descobriram que essa poderia ser uma estratégia mais adequada de exploração nas minas, uma vez que já estava culturalmente enraizada. Não por acaso a *mita* se tornou a forma de trabalho mais convencional durante o período colonial na América espanhola.

Trabalho na modalidade *mita* nas minas de prata de Potosí.
Gravura de Theodor de Bry, 1596.



A origem do termo “crioulo”

O termo *criollo*, em castelhano, tem um significado bastante distinto da palavra no Brasil. Na América espanhola, a maior parte dos *criollos* era composta por homens brancos, descendentes de espanhóis nascidos e criados na América, e a miscigenação era algo evitado, segundo os padrões culturais da época. No Brasil, porém, a palavra “crioulo” refere-se, em geral, à cor da pele negra, associada aos afrodescendentes.

Segundo o dicionário, a palavra “crioulo” (e *criollo* também) em sua origem significa “nativo ou aborígene”. O termo foi utilizado na América portuguesa para diferenciar os negros escravizados nascidos no Brasil daqueles recém-chegados da África. Tal diferenciação impactava o valor final do escravizado, pois aqueles que tinham nascido em terras brasileiras não precisavam ser educados, uma vez que já conheciam a língua portuguesa e a lógica da escravidão portuguesa. Era comum que, em meio à negociação entre traficante negreiro e escravocrata, surgisse a pergunta: “Esse negro é crioulo?”.

Já na América espanhola, ao se utilizar o termo *criollo*, tinha-se o objetivo de atestar a origem colonial dos indivíduos. O convencional era que esse termo fosse utilizado para identificar um espanhol nascido na colônia. Como naquela época, e até hoje em muitos países europeus, a identidade nacional se relacionava muito mais com a ascendência do que com o local de nascimento, era preciso diferenciar os espanhóis das metrópoles (*chapetones*) daqueles nativos das colônias.

Família crioula do capitão Pedro Marcos Gutiérrez. Óleo sobre tela, de autoria desconhecida. A pintura remonta o século XVIII.



Cartaz anunciando a busca por escravo fugido no Rio de Janeiro (RJ), 1854.

Resistências e trocas culturais

Apesar do veloz decréscimo populacional e das imposições culturais, as sociedades pré-colombianas encontraram caminhos de sobrevivência. Os povos dominados lutaram, mas também aprenderam a escrever em língua espanhola, preservando parte de sua história. A eles foi imposto o catolicismo, mas, ao mesmo tempo, souberam criar relações de sincretismo religioso, algo parecido com o que aconteceu no Brasil em relação às religiões de matrizes africanas. No México atual, a celebração do Dia dos Mortos é um exemplo de permanência cultural, apesar de todas as transformações ao longo do tempo.

Por outro lado, a incorporação da batata e do milho na alimentação e mesmo a adoção da *mita*, sistema chave para a exploração dos trabalhadores nativos, mostraram que os espanhóis também estavam interessados, em certa medida, naquilo que podiam aprender com os povos nativos das colônias. A batata, em especial, foi responsável por salvar muitos da fome na Europa a partir do século XVII.

Algumas escolas no Brasil adotam, até hoje, por exemplo, o costume de estabelecer uma semana de férias – conhecida como a Semana da Batata – durante o mês de outubro.

O nome se deve à prática rural alemã que consistia em paralisar as atividades escolares por uma semana (na Alemanha, duas) para que os jovens ajudassem seus pais na colheita da batata.

O milho foi definitivamente incorporado aos costumes ocidentais, seja na produção de alimentos, de combustível, ou de bebidas.



Para solucionar

Situação-problema

Leia o texto a seguir.

Machu Picchu significa, na língua quéchua, “Montanha Velha”

Situada a 130 km de Cuzco, a cidadela está localizada [...] ao lado de dois picos, quase 2500 m de altitude (os dois picos são chamados, respectivamente, Machu Picchu – nome que se convencionou atribuir ao conjunto das ruínas – e Huayna Picchu, ou “Montanha Jovem”) [...].

Erigida em 1450 d.C. pelo imperador Pachacutec, Machu Picchu esteve abandonada durante quatro séculos, até ser redescoberta em 1911 pelo explorador norte-americano Hiram Bingham, constituindo-se o seu feito num dos achados arqueológicos mais sensacionais de toda a história [...].

Ainda não há consenso entre os estudiosos sobre a finalidade original de Machu Picchu: entre as mais prováveis estão a de ter sido uma fortaleza, um santuário, uma residência da família real, ou uma espécie de mosteiro para as ‘virgens do Sol’ (ou, provavelmente, todas essas coisas juntas).



Vista das ruínas de Machu Picchu.

FRANCHINI, Ademilson S. *As melhores histórias das mitologias asteca, maia e inca*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2014. p. 429-430.

O texto conta um pouco sobre a cidade de Machu Picchu e as múltiplas interpretações acerca de sua importância para a história do povo inca. No entanto, a ausência de certezas transpassa as pesquisas sobre essas ruínas, que são visitadas por turistas do mundo inteiro.

Estudo autodirigido

Sabemos pouco sobre Machu Picchu, tanto no que diz respeito às técnicas de construção em rocha, quanto aos usos dados àquela cidade no alto das montanhas. Para buscarmos respostas possíveis, forme um grupo com mais dois colegas e investigue as teorias sobre essa construção, que foi uma importante capital do Império Inca.

Procure repostas para explicar como a cidade foi construída e para que ela servia. E o mais importante: porque sabemos tão pouco sobre um lugar tão famosos atualmente. Afinal, o processo de colonização espanhola na região foi responsável por “apagar” registros de memória do lugar?

Depois, reflita sobre a seguinte questão:

- É possível relacionar a dificuldade atual de encontrarmos informações precisas acerca das ruínas incas às características e aos desdobramentos dos processos de colonização da Espanha sobre as colônias americanas?

Resolução do problema

Após a pesquisa, vão ao quadro da sala de aula, que estará dividido em três colunas, e listem as razões encontradas para explicar: a construção, os usos para o local e os motivos para o pouco conhecimento a respeito de Machu Picchu. Em seguida, leiam o texto sobre a “Montanha Velha” e busquem desvendar qual das explicações parece mais plausível.



Para explorar

Entre os séculos XIII e XIV, viveu na Inglaterra um padre franciscano chamado Guilherme de Ockham. Ele defendia um princípio metodológico chamado **Navalha de Ockham**, cuja ideia fundamental era a de que a “natureza é econômica”. Por isso, os fenômenos sociais ou naturais são esclarecidos ao optarmos pela explicação mais simples ou econômica. Não que essa seja uma regra absoluta, mas podemos refletir sobre o que desconhecemos acerca dos povos pré-colombianos com base nesse princípio.

Enquanto a Grécia de Platão vivia sua fase clássica, no então “desconhecido continente”, desenvolvia-se a civilização de Nazca, próximo ao litoral do atual Peru. Esse povo praticou a agricultura em regiões áridas e construiu pirâmides.

O que mais chama a atenção a respeito deles são as famosas “linhas de Nazca”. Vistas de perto, parecem grandes linhas desenhadas na terra, sem nenhum formato aparente. Porém, do alto, é possível ver desenhos que até hoje parecem inexplicáveis. Vale a pena lembrar que tais feitos ocorreram em uma época em que o ser humano ainda não dominava uma tecnologia que lhe permitisse voar.



As linhas de Nazca, no Peru, formam diversas imagens. I. Representação de um pássaro que se assemelha a um beija-flor. II. As linhas dão forma a um macaco.

Reflita sobre as seguintes explicações. A primeira delas, defendida por muitos, tenta explicar as linhas de Nazca a partir da intervenção de seres alienígenas. Por outro lado, um conjunto de justificativas mais simples nos leva a pensar que a civilização de Nazca, na realidade, conhecia princípios da Matemática, da Geometria e da Astronomia. Os desenhos, então, teriam sido planejados para outros fins, religiosos ou astronômicos, a partir do conhecimento desenvolvido ao longo de milhares de anos por essa civilização.

Partindo do princípio defendido por Ockham, qual dessas explicações parece a mais plausível? Existe alguma outra situação em que podemos aplicar essa estratégia de pensamento? Você já ouviu teorias similares sobre a participação de extraterrestres em grandes construções humanas nas Américas? E fora delas?

Por fim, todas as imagens de que falamos, independentemente de suas funções, compartilham o uso de elementos da flora e fauna locais, sempre representados em formas estilizadas. Então, considere esta situação: você e seus colegas desejam criar grandes desenhos visíveis apenas por drones. O objetivo é fazer algo tão grandioso quanto as linhas peruanas. No entanto, é essencial usar elementos do cotidiano, como animais, plantas ou objetos, que possam ser transformados em linhas simples, mas reconhecíveis.

Individualmente, sua tarefa é pegar uma folha em branco e criar uma linha de Nazca atualizada e adequada à sua região. Depois, exiba o resultado da sua interpretação no mural para que todos possam ver como seriam essas linhas se fossem feitas por você, mantendo o estilo das linhas originais.



Praticando o aprendizado

1. Explique o uso do termo “índio” pelos espanhóis.

2. Qual foi a influência das doenças trazidas pelos europeus no processo de Conquista?

3. Diferencie os *criollos* dos *chapetones*.

4. Por que a *encomienda* também podia ser caracterizada como uma prática de imposição cultural, e não apenas de trabalho?

Leia o trecho do diário de Colombo, escrito em 1492, e responda às atividades 5 e 6.

Eu já disse que, para a execução do empreendimento das índias, de nada me serviam razões matemáticas ou mapas-múndi. O que integralmente se realizou foi o que Isaías havia anunciado. E é o que eu desejo deixar aqui escrito para avivar as vossas memórias e para que rejubilem com o que lhes direi sobre Jerusalém [...] e sobre o empreendimento, cujo êxito, se tiverem fé, podem tomar por certo.

COLOMBO, Cristóvão. *Diários da primeira viagem à América*. 1492. São Paulo: L&PM Pocket, 1999. p. 30.

5. Relacione a frase sublinhada no texto ao momento anterior à viagem de Colombo em direção a oeste.

6. O trecho enfatiza a fé no projeto de Colombo. De que forma isso se relaciona com o contexto da chegada espanhola à América?

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Com isso, podemos perceber o teor da discussão de Grunzinski, quando ele fala da ocidentalização da linguagem nativa. Para ele, a mentalidade indígena foi transmutada pelo cristianismo, houve uma transformação na “visão de mundo e na concepção de sentido”,

após a inserção da linguagem europeia sobre os povos nativos. “Cortez teria levado para o México a tradição de Nossa Senhora de Guadalupe, cuja origem remontava ao século VIII na Espanha, tendo substituído a deusa da Lua dos Maias pela imagem da Virgem Maria”.

RODRIGUES, Ana C. N. M. et. al. A fala do outro: alteridade e dominação nas Américas do século XV ao XVIII. *Revista História em Curso*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, 1º sem., p. 49-63, 2013.

7. Identifique no texto uma estratégia espanhola para a Conquista da América.



Desenvolvendo habilidades

1. Leia o trecho a seguir.

As origens da *mita* remontam à América pré-colombiana quando a civilização inca utilizava esse sistema de trabalho com o nome de *myta chanaquy*, sendo um trabalho gratuito e obrigatório realizado em turnos e sob a colonização espanhola, a *mita* conservou as características que já possuía entre os incas.

Na década de 1570, o recrutamento forçado de indígenas – também conhecido como *mita* no Peru e *repartimiento* no Vice-reinado da Nova Espanha, atual México – foi amplamente utilizado na atividade de extração e beneficiamento de minérios preciosos. Principalmente da prata, sendo a *mita* de Potosí (Bolívia) o mais famoso e cruel sistema de recrutamento forçado de trabalho indígena na época.

GAMBA, Juliane C. M.; PIRES, Julio M. O trabalho humano na América Latina: evolução histórica e condições atuais. *Cadernos Prolam/USP*, 15 (27): p. 11-26, 2016. Disponível em: www.revistas.usp.br/prolam/article/download/110375/114106. Acesso em: 31 jun. 2024.

A partir do trecho anterior, pode-se afirmar que a *mita* foi:

- a) uma prática típica da Idade Média europeia adaptada para a América.
- b) uma medida imposta pelos colonizadores a uma sociedade desorganizada.

- c) uma resposta ao repartimento, mais lucrativo para os espanhóis que o adotaram.
- d) uma forma de recrutamento de indígenas para o trabalho forçado, sobretudo nas minas.

2. Leia o texto:

Os espanhóis se aproveitam do conhecimento que os nativos das regiões que eles ocuparam já tinham sobre extração de minerais. [...] os povos que habitavam a América espanhola sabiam localizar, extrair e manusear minerais, por isso, a coroa espanhola adota o regime de *mita*, já utilizado pelos nativos, que prevê um rodízio de trabalho nas minas por períodos de seis ou doze meses.

GONÇALVES, Cristiane. Mineração nas colônias americanas. Semelhanças e diferenças na exploração dos minérios nas colônias espanholas e portuguesas. *Universo*, n. 61, dez. 2016/jan. 2017.

A justificativa apresentada no texto para o uso da mão de obra indígena na extração de minério na América espanhola está associada à:

- a) passividade com que aceitaram o trabalho compulsório.
- b) disponibilidade de indígenas sem ocupação na América.
- c) facilidade de conseguir minerais em algumas regiões.
- d) capacidade de encontrar e extrair as riquezas minerais.

3. Leia o texto a seguir.

A primeira colonização foi feita por um punhado de homens. Na Espanha, desde o início, a emigração era controlada pela Casa de Contratação: precisava-se de uma licença para se instalar na América, só os súditos da Coroa de Castela podiam consegui-la [...].

FERRO, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências – séculos XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

No contexto da colonização espanhola da América, a Casa de Contratação tinha como função:

- organizar o projeto colonizador, orientando a exploração do continente americano.
- garantir a participação de mercenários, protegendo o território de investidas estrangeiras.
- fiscalizar as fronteiras coloniais, evitando o contrabando e a perda de riquezas para piratas.
- explorar o tráfico atlântico de escravos, garantindo acesso à mão de obra para a mineração.

4. Leia o trecho a seguir.

Quando Bernal Díaz avistou pela primeira vez a capital asteca, ficou sem palavras. Anos mais tarde, as

palavras viriam: ele escreveu um alentado relato de suas experiências como membro da expedição espanhola liderada por Hernán Cortés rumo ao Império Asteca. Naquela tarde de novembro de 1519, porém, quando Díaz e seus companheiros de conquista emergiram do desfiladeiro e depararam-se pela primeira vez com o Vale do México lá embaixo, viram um cenário que, anos depois, assim descreveram: "vislumbramos tamanhas maravilhas que não sabíamos o que dizer, nem se o que se nos apresentava diante dos olhos era real".

RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 15-16.

O texto indica que os conquistadores espanhóis:

- reconheceram sua superioridade ao se deparar com a capital asteca.
- buscaram manter as obras astecas em seu lugar original.
- ficaram surpresos diante das obras realizadas pelos nativos.
- estavam decepcionados com a simplicidade das obras astecas.



Para concluir

A dominação espanhola teve consequências incontornáveis. Suas características, em muito relacionadas à sua história da Reconquista da península Ibérica, contribuíram para que o conhecimento sobre as sociedades pré-colombianas fosse limitado. A cultura oral foi comprometida pelo extermínio de seus guardiões, tanto por meio de guerras e de doenças quanto pela imposição de formas extenuantes de trabalho.

Mesmo assim, as populações exterminadas encontraram caminhos de sobrevivência, fosse pelo sincretismo religioso ou por meio de movimentos de resistência, como a revolta (1778-1780) liderada por Tupac Amaru contra os abusos cometidos pela imposição da mita e sua baixa remuneração.

O resultado foi a formação de uma América espanhola repleta de realidades culturais distintas, fruto do encontro e do choque do povo europeu ibérico com as diversas realidades nativas aqui encontradas. As Américas já formavam um ambiente singular e, depois da chegada dos espanhóis, seguidos por seus vizinhos europeus, tornou-se ainda mais diverso. A pluralidade cultural, política, econômica e social continuaria a ser o marco desse continente ao longo de sua história.

Mapa conceitual

Para sistematizar os conceitos desenvolvidos nos módulos 13 e 14, preencha o mapa conceitual da página 509.



Flashcards

Para consolidar os principais conteúdos abordados neste módulo, acesse os flashcards disponíveis no Plurall.